




LIDERANÇA NO AGRONEGÓCIO: IMPACTO DA GESTÃO ESTRATÉGICA NA PRODUTIVIDADE RURAL

 <https://doi.org/10.56238/levv10n24-001>

Data de submissão: 15/06/2019

Data de publicação: 15/07/2019

João Edson Dinardi Abreu

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a influência da liderança na gestão estratégica de propriedades rurais e seus impactos sobre a produtividade no agronegócio brasileiro. Considerando as transformações recentes no setor, a pesquisa busca compreender como a atuação do gestor rural pode ser potencializada por meio da adoção de práticas gerenciais modernas, uso de tecnologias digitais e desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais. Foram abordados aspectos como a importância do planejamento estratégico, os desafios enfrentados pelas lideranças no campo, o uso de ferramentas de gestão e a necessidade de capacitação contínua para a adaptação às exigências de um mercado cada vez mais dinâmico. Com base em revisão bibliográfica, o estudo demonstra que a liderança, quando alinhada a estratégias bem definidas e sustentada por decisões fundamentadas, pode elevar significativamente os níveis de eficiência, sustentabilidade e competitividade das propriedades. Conclui-se que o fortalecimento das lideranças rurais é essencial para o futuro do agronegócio, contribuindo para um setor mais estruturado, inovador e integrado às demandas econômicas, sociais e ambientais do século XXI.

Palavras-chave: Liderança Rural. Gestão Estratégica. Produtividade. Agronegócio. Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

A liderança no agronegócio constitui-se como um componente estratégico para o fortalecimento das atividades produtivas no meio rural, especialmente diante das transformações enfrentadas pelo setor nas últimas décadas, que exigem dos gestores não apenas conhecimentos técnicos, mas também competências voltadas à análise crítica, à tomada de decisões orientadas por dados e à articulação entre os diversos agentes da cadeia produtiva, em contextos cada vez mais complexos e interdependentes (Egidio e Binotto, 2019).

O desenvolvimento do agronegócio brasileiro, consolidado como um dos pilares da economia nacional, não pode mais prescindir de práticas de liderança que promovam a inovação, a sustentabilidade e a competitividade das unidades produtivas, uma vez que o setor responde por significativa parcela do Produto Interno Bruto (PIB) do país, gera empregos e contribui para o superávit da balança comercial, o que exige posturas gerenciais capazes de lidar com variáveis internas e externas ao ambiente rural (Quintam e Assunção, 2019).

A complexidade crescente das operações agrícolas, impulsionada pela introdução de tecnologias digitais, pela ampliação das exigências ambientais e pela pressão por maior eficiência econômica, demanda líderes com capacidade de planejamento estratégico, que saibam interpretar tendências do mercado, integrar informações financeiras, coordenar equipes multidisciplinares e implementar práticas sustentáveis que assegurem o desenvolvimento de longo prazo das propriedades (Barros et al., 2019).

Nesse cenário, torna-se indispensável compreender o papel da liderança como elemento estruturante na gestão estratégica de empresas rurais, sobretudo considerando a necessidade de adaptação a novas configurações de mercado, às exigências dos consumidores por rastreabilidade e qualidade dos produtos e às políticas públicas voltadas para a produção agropecuária, que influenciam diretamente a dinâmica operacional das propriedades (Melo et al., 2019).

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o impacto da liderança no agronegócio, com foco na forma como a gestão estratégica contribui para a elevação da produtividade rural, considerando as dimensões organizacionais, tecnológicas e econômicas que condicionam o desempenho das unidades produtivas, particularmente em um ambiente de negócios cada vez mais volátil e competitivo (Leitner e Alves Filho, 2019).

Como objetivos específicos, pretende-se identificar as práticas de gestão mais associadas ao aumento da eficiência produtiva, examinar as competências exigidas dos líderes rurais na atualidade e discutir, com base na literatura científica, as perspectivas futuras da liderança no agronegócio, especialmente no que tange à incorporação de tecnologias emergentes e ao fortalecimento de políticas sustentáveis no meio rural.

Justifica-se este estudo pela relevância social e econômica do agronegócio no Brasil e pelo reconhecimento de que, para além das condições naturais favoráveis, o desempenho do setor depende da qualidade da gestão implementada nas propriedades, sendo a liderança uma variável-chave para o sucesso dos empreendimentos rurais, ainda mais em um contexto onde a exigência por rentabilidade e responsabilidade socioambiental se torna cada vez mais evidente

O fortalecimento da gestão rural passa, necessariamente, pela capacitação dos produtores e gestores, que precisam dominar ferramentas analíticas, desenvolver competências relacionais e estabelecer uma visão sistêmica do negócio, integrando aspectos operacionais e estratégicos de forma coesa, o que implica reconhecer que a liderança não se restringe a cargos de chefia, mas sim a práticas diárias de orientação, motivação, negociação e tomada de decisão.

A evolução da liderança rural no Brasil acompanha a transição de modelos tradicionais de condução das atividades agrícolas para formas mais modernas de organização do trabalho e da produção, exigindo dos gestores capacidade de dialogar com novos paradigmas, como o uso de big data, internet das coisas, inteligência artificial e gestão sustentável dos recursos naturais, configurando um perfil mais técnico e adaptável às demandas do século XXI.

A produtividade no campo, embora ainda esteja atrelada a fatores como clima, solo e insumos, tem sido cada vez mais influenciada pela eficiência dos processos gerenciais, o que torna a liderança um vetor estratégico para o alcance de metas produtivas, econômicas e ambientais, sobretudo quando ela é exercida de forma participativa, inovadora e comprometida com os princípios de sustentabilidade e de desenvolvimento territorial (Melo et al., 2019).

Os desafios enfrentados pelo setor agropecuário brasileiro incluem, entre outros, a limitação de acesso a crédito, as barreiras comerciais, a necessidade de cumprir rigorosas normas sanitárias e ambientais, e a crescente pressão por uma produção de baixo impacto ecológico, sendo a liderança capaz de articular respostas técnicas e organizacionais frente a essas demandas, por meio de estratégias fundamentadas em planejamento, controle e gestão integrada de riscos.

Nesse sentido, a liderança não se apresenta apenas como uma competência desejável, mas como uma condição necessária para a modernização do agronegócio e para a inserção competitiva das propriedades rurais nos mercados globais, exigindo dos gestores não apenas o domínio das práticas tradicionais, mas a internalização de uma cultura organizacional baseada em inovação, eficiência e responsabilidade (Quintam e Assunção, 2019).

A metodologia adotada neste artigo consistiu em uma revisão bibliográfica narrativa, com análise qualitativa de artigos científicos selecionados a partir de critérios de relevância, atualidade e adequação ao tema proposto, buscando identificar as contribuições dos autores quanto às relações entre liderança, gestão estratégica e produtividade no agronegócio, bem como apontar lacunas e perspectivas futuras para o aprofundamento da temática (Melo et al., 2019).

Dessa forma, este artigo se estrutura em quatro capítulos principais, além da introdução e das considerações finais, organizando-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, será discutida a evolução da liderança no meio rural e o surgimento de novas competências gerenciais; o segundo abordará as estratégias de gestão e sua influência sobre os indicadores de produtividade; o terceiro explorará as tecnologias aplicadas à gestão rural; por fim, o quarto capítulo trará uma análise crítica dos desafios enfrentados por líderes no agronegócio contemporâneo, apontando caminhos possíveis para a construção de uma liderança mais eficaz e transformadora.

2 GESTÃO ESTRATÉGICA NO AGRONEGÓCIO E SUA RELAÇÃO COM A PRODUTIVIDADE

A gestão estratégica aplicada ao agronegócio tem sido determinante para a transformação das propriedades rurais em unidades de negócio sustentáveis e competitivas, pois permite que os produtores compreendam a complexidade do ambiente agrícola, tracem metas específicas, organizem recursos de maneira inteligente e integrem processos que favoreçam tanto o aumento da produtividade quanto o uso racional dos insumos, superando os antigos métodos empíricos ainda presentes em muitas realidades do campo (Pozzobon, 2006).

Com o avanço das demandas de mercado e o aumento da instabilidade econômica e climática, os gestores precisam desenvolver habilidades que os capacitem a interpretar informações financeiras, logísticas, operacionais e humanas de forma articulada, utilizando essas análises como suporte para definir estratégias capazes de minimizar riscos e maximizar resultados, garantindo a continuidade do negócio com solidez e adaptabilidade (Barros et al., 2019).

A elaboração de planejamentos de médio e longo prazo, que considerem fatores como custos, preços de commodities, sazonalidade da produção e tendências de consumo, torna-se um diferencial entre os produtores que prosperam e aqueles que enfrentam recorrentes dificuldades operacionais, pois o conhecimento técnico isolado já não é suficiente para enfrentar os desafios multifatoriais que envolvem o desempenho das propriedades (Melo et al., 2019).

O gestor estratégico deve buscar constantemente a eficiência, não apenas na produção, mas também no uso dos recursos humanos e financeiros, na gestão do tempo e no relacionamento com fornecedores, instituições financeiras e canais de comercialização, reconhecendo que o agronegócio moderno exige uma atuação sistêmica e a construção de redes de cooperação que potencializem resultados por meio da troca de informações e da integração logística (Egidio e Binotto, 2019).

Entre os recursos disponíveis para a melhoria da produtividade, destacam-se as ferramentas digitais de controle e monitoramento, como softwares de gestão, aplicativos para controle de pragas, drones para mapeamento aéreo, estações meteorológicas inteligentes e sistemas de rastreamento da

produção, todos esses recursos devem ser incorporados de forma estratégica, com base em análises de viabilidade e retorno sobre investimento (Quintam e Assunção, 2019).

O planejamento estratégico, para ser eficaz, precisa incluir um diagnóstico detalhado da propriedade, identificando pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades, além de estabelecer indicadores claros de desempenho, que permitam acompanhar a evolução das metas propostas e realizar correções de rota de forma oportuna, prevenindo prejuízos e promovendo melhorias contínuas nos processos (Barros et al., 2019).

A utilização de ferramentas como matriz SWOT, análise de cenários, plano orçamentário, análise de riscos e definição de metas SMART tem sido recomendada pela literatura especializada como caminhos viáveis para a construção de um modelo de gestão eficaz, pois essas metodologias ajudam o produtor a lidar com a volatilidade dos mercados e a manter a sustentabilidade da produção mesmo diante de adversidades (Pozzobon, 2006).

Um dos aspectos que mais impactam a produtividade é o controle financeiro eficiente, pois a capacidade de mapear custos, avaliar margens de lucro, gerenciar fluxo de caixa e identificar desperdícios permite decisões mais acertadas quanto ao uso de insumos, investimentos em infraestrutura, aquisição de equipamentos e contratação de mão de obra especializada, fatores que influenciam diretamente os resultados da safra (Barros et al., 2019).

Além da organização dos recursos financeiros, é importante que o gestor estratégico compreenda a importância da capacitação contínua da equipe de trabalho, promovendo treinamentos, disseminando boas práticas, estimulando a inovação e criando um ambiente de engajamento, onde cada colaborador entenda sua função e colabore ativamente para o alcance das metas estabelecidas pela propriedade (Santos, 2019).

As propriedades que adotam modelos de governança organizacional, mesmo em estruturas familiares, tendem a apresentar melhor desempenho produtivo e maior controle sobre riscos operacionais, pois conseguem alinhar as decisões às metas traçadas, monitorar resultados com mais precisão e garantir a continuidade da empresa, independentemente das mudanças geracionais ou conjunturais (Melo et al., 2019).

O conhecimento técnico do gestor precisa ser ampliado por habilidades em comunicação, negociação, análise de dados e relacionamento institucional, pois as decisões no campo, cada vez mais, impactam ou são impactadas por políticas públicas, variações cambiais, acordos comerciais e questões ambientais que exigem uma postura proativa, aberta ao diálogo e atenta às dinâmicas externas (Quintam e Assunção, 2019).

A gestão estratégica também se revela essencial na hora de planejar o uso da terra, a escolha de culturas, a rotação de lavouras, a implementação de sistemas agroflorestais ou a diversificação da produção, sendo essas escolhas fundamentais para preservar o solo, reduzir custos com defensivos,

aumentar a resiliência climática e garantir o abastecimento contínuo de alimentos para diferentes mercados (Barros et al., 2019).

A conexão entre estratégia e produtividade pode ser observada nos casos em que a propriedade rural, ao alinhar sua missão, visão e objetivos com práticas gerenciais modernas, atinge ganhos substanciais em termos de eficiência, qualidade dos produtos, redução de perdas, maior aproveitamento dos recursos e, conseqüentemente, maior competitividade frente aos concorrentes locais e internacionais (Pozzobon, 2006).

Mesmo em pequenas propriedades, onde os recursos são limitados, a gestão estratégica permite transformar limitações em oportunidades, por meio da racionalização de processos, da cooperação com outras unidades produtivas, da busca por nichos de mercado e da agregação de valor aos produtos, o que amplia a margem de lucro e favorece a permanência do produtor na atividade agrícola com segurança e autonomia (Melo et al., 2019).

Por fim, reforça-se que a gestão estratégica no agronegócio não se trata de um modismo ou de uma prática restrita a grandes empreendimentos, mas sim de uma necessidade estruturante para qualquer produtor que deseje garantir produtividade, longevidade e relevância no mercado, sendo a liderança ativa e informada o elo fundamental entre o planejamento e a execução eficaz das ações dentro e fora da porteira (Egidio e Binotto, 2019).

3 TECNOLOGIAS APLICADAS À GESTÃO RURAL

A transformação digital no agronegócio tem promovido uma mudança estrutural na maneira como os gestores rurais conduzem suas propriedades, exigindo não apenas familiaridade com o uso de equipamentos tecnológicos, mas também a capacidade de interpretar dados gerados por sensores, softwares e plataformas digitais, criando uma nova lógica de tomada de decisão baseada em evidências e não mais apenas na experiência empírica (Egidio e Binotto, 2019).

O avanço da conectividade no meio rural tem sido crucial para a expansão da agricultura de precisão, uma vez que a cobertura da internet nas propriedades permite o uso integrado de dispositivos como GPS, drones, sensores meteorológicos e softwares de mapeamento, os quais contribuem para o monitoramento em tempo real das condições da lavoura e do desempenho da produção, favorecendo ações mais rápidas e eficazes (Mondin e Tomé, 2019).

Entre as soluções mais promissoras para a gestão rural, destacam-se os sistemas de monitoramento remoto e as plataformas que integram informações agronômicas, climáticas, econômicas e de mercado, possibilitando aos gestores visualizarem os dados de forma integrada, o que favorece a elaboração de estratégias adaptadas à realidade da propriedade e às tendências do setor agrícola (Klerkx, Jakku e Labarthe, 2019).

A adoção de tecnologias da informação no campo também tem impulsionado a automação de processos operacionais, permitindo o controle mais preciso de irrigação, a aplicação localizada de defensivos e fertilizantes e o mapeamento de áreas produtivas, contribuindo para o uso mais eficiente dos recursos e para a redução de impactos ambientais, além de melhorar significativamente os índices de produtividade (Bruzza et al., 2019).

O uso de softwares de gestão financeira e contábil tem proporcionado uma nova abordagem na administração rural, oferecendo aos produtores a possibilidade de controlar entradas e saídas com mais precisão, acompanhar o fluxo de caixa, projetar investimentos e analisar o desempenho financeiro da propriedade com base em relatórios gerenciais acessíveis e atualizados em tempo real (Barros et al., 2019).

Outra tecnologia que tem ganhado destaque no ambiente agrícola é o uso de imagens de satélite e inteligência artificial para análise de solo, previsão de colheitas e detecção precoce de doenças, o que permite aos produtores agir de maneira preventiva e não apenas corretiva, otimizando o uso de insumos e reduzindo perdas significativas ao longo do ciclo produtivo (Quintam e Assunção, 2019).

A gestão estratégica da propriedade passa a incorporar o conceito de estabelecimentos rurais inteligentes, nos quais há integração entre máquinas conectadas, softwares analíticos e decisões gerenciais, promovendo um ambiente onde a produtividade é constantemente monitorada e ajustada com base em dados, superando a dependência de práticas baseadas apenas em intuição (Egidio e Binotto, 2019).

Com a digitalização do campo, o gestor rural precisa desenvolver novas competências relacionadas à interpretação de relatórios gerados por sistemas tecnológicos, além de saber identificar quais ferramentas são mais adequadas à realidade de sua propriedade, levando em conta o custo de implementação, o retorno sobre investimento e a capacidade da equipe em operar as soluções adotadas (Mariyono et al., 2019).

A expansão das agtechs no Brasil tem favorecido a oferta de soluções tecnológicas mais acessíveis, com empresas especializadas desenvolvendo plataformas voltadas às necessidades específicas do pequeno e médio produtor, ampliando as possibilidades de inovação mesmo em propriedades que não dispõem de grandes recursos financeiros ou infraestrutura avançada (Mondin e Tomé, 2019).

Para que a tecnologia seja eficaz na gestão rural, é de relevância que o produtor compreenda seu funcionamento, confie nos resultados gerados e se disponha a alterar rotinas estabelecidas com base nas informações coletadas, pois a resistência à inovação ainda é um dos principais entraves à transformação digital no campo, especialmente em regiões onde a formação técnica é limitada (Flamino e Borges, 2019).

O investimento em capacitação técnica dos trabalhadores e gestores é essencial para que as ferramentas digitais sejam corretamente interpretadas e utilizadas, o que demanda uma mudança de mentalidade que ultrapassa o domínio das máquinas e alcança a compreensão de que a tecnologia é uma aliada estratégica do planejamento, do controle e da execução das atividades agrícolas (Becker, Severo e Guimarães, 2019).

A agricultura 4.0, baseada em automação, conectividade e análise de dados, exige um ambiente propício à inovação, o que inclui desde a infraestrutura básica de energia e internet até o suporte de instituições de ensino, extensão rural e políticas públicas que incentivem o uso das tecnologias e apoiem os produtores na transição para modelos mais eficientes de gestão (Renzcherchen et al., 2019).

A construção de uma cultura digital no campo depende de lideranças que compreendam o valor da tecnologia como parte integrante do processo produtivo, não como um custo, mas como um investimento necessário para o aumento da competitividade, da qualidade dos produtos e da sustentabilidade ambiental, criando uma nova visão de desenvolvimento rural baseada em inteligência de dados (Egidio e Binotto, 2019).

A tecnologia, quando bem utilizada, também favorece o acesso a mercados diferenciados, pois permite que o produtor comprove práticas sustentáveis, rastreie seus produtos, obtenha certificações e atenda a exigências cada vez mais rigorosas dos consumidores nacionais e internacionais, o que representa uma vantagem competitiva importante no cenário atual do agronegócio (Quintam e Assunção, 2019).

Em suma, a gestão rural mediada por tecnologias digitais representa uma ruptura com os modelos tradicionais de condução das propriedades, exigindo dos produtores uma postura ativa, curiosa e estratégica diante das ferramentas que estão em constante evolução, sendo a integração entre inovação tecnológica, formação profissional e visão gerencial o caminho para um agronegócio mais produtivo, rentável e sustentável (Egidio e Binotto, 2019).

4 AS DIFICULDADES DA LIDERANÇA NO AGRONEGÓCIO CONTEMPORÂNEO

A liderança no setor agropecuário enfrenta desafios cada vez mais complexos, pois a diversidade de perfis de propriedades, o avanço das tecnologias, as mudanças nos padrões de consumo e a necessidade de adaptação a critérios ambientais e sociais impõem ao gestor rural uma atuação versátil, capaz de equilibrar produtividade com responsabilidade, técnica com gestão de pessoas, inovação com tradição e eficiência com sustentabilidade (Melo et al., 2019).

Um dos grandes entraves ainda presentes no ambiente rural é a dificuldade de acesso à informação de qualidade e à formação continuada, fatores que limitam a atualização dos líderes frente às novas exigências do mercado e acabam por manter práticas desatualizadas em propriedades que têm

potencial produtivo, mas não conseguem inovar por falta de preparo técnico ou gerencial (Santos, 2019).

A resistência à mudança cultural, muitas vezes enraizada em modelos de gestão baseados em decisões empíricas ou na centralização das atividades em uma única figura de comando, compromete a transição para modelos mais colaborativos e orientados por dados, o que demanda não apenas capacitação, mas também um processo de sensibilização e abertura ao novo por parte dos gestores rurais (Barros et al., 2019).

A escassez de mão de obra qualificada nas regiões rurais também se configura como uma das maiores dificuldades para o exercício da liderança efetiva, pois é comum encontrar propriedades que enfrentam a rotatividade de trabalhadores ou a ausência de profissionais com habilidades técnicas e comportamentais compatíveis com as exigências de um ambiente produtivo em constante transformação (Egidio e Binotto, 2019).

A atuação do líder rural exige conhecimento sobre questões legais, ambientais, financeiras, trabalhistas e logísticas, além da capacidade de dialogar com instituições públicas e privadas, cooperativas, fornecedores e consumidores, articulando diferentes interesses sem perder o foco nos objetivos da propriedade, o que reforça a importância de uma liderança multidisciplinar e adaptável (Pozzobon, 2006).

A implementação de práticas sustentáveis tem exigido dos gestores uma mudança na mentalidade produtiva, deixando de enxergar as questões ambientais como barreiras e passando a tratá-las como parte integrante da estratégia de produção, o que implica repensar o uso da terra, dos recursos hídricos, dos insumos químicos e das formas de descarte de resíduos de forma planejada e consciente (Melo et al., 2019).

A presença de diferentes gerações no comando das propriedades, com visões distintas sobre gestão, inovação e tomada de decisão, muitas vezes gera conflitos internos que precisam ser mediadas por lideranças habilidosas, capazes de preservar o legado familiar sem comprometer a evolução dos negócios, promovendo o equilíbrio entre experiência e modernidade (Santos, 2019).

Um desafio importante diz respeito à gestão do tempo, pois os gestores rurais precisam lidar com uma multiplicidade de funções que vão desde o planejamento da produção até o relacionamento com instituições financeiras e órgãos reguladores, o que pode gerar sobrecarga e prejudicar a capacidade de avaliar estrategicamente as decisões do dia a dia (Barros et al., 2019).

As questões climáticas e ambientais representam riscos concretos à produção, exigindo dos líderes uma postura preventiva, com planejamento agrícola adaptado a diferentes cenários, seguros rurais adequados, diversificação de culturas e estratégias que garantam a resiliência da propriedade frente a eventos como estiagens, geadas, enchentes e pragas (Quintam e Assunção, 2019).

No que diz respeito às políticas públicas, muitos produtores enfrentam dificuldades para acessar linhas de crédito, programas de incentivo à inovação ou assistência técnica, o que limita sua capacidade de investimento e de renovação da estrutura produtiva, sendo necessário que a liderança rural também atue como interlocutora entre a propriedade e os mecanismos institucionais disponíveis (Egidio e Binotto, 2019).

A burocracia ainda presente em muitos processos administrativos do agronegócio impõe barreiras à eficiência da gestão, principalmente em propriedades de pequeno e médio porte, que muitas vezes não contam com apoio contábil ou jurídico especializado, sobrecarregando o gestor com demandas operacionais que poderiam ser otimizadas com apoio técnico e uso de ferramentas de automação (Santos, 2019).

A liderança eficaz demanda o desenvolvimento de habilidades interpessoais como escuta ativa, negociação, empatia e resolução de conflitos, pois o sucesso da propriedade não depende apenas da produtividade por hectare ou da qualidade do solo, mas também do engajamento da equipe, da divisão equilibrada de tarefas e do reconhecimento do esforço coletivo (Barros et al., 2019).

A comunicação clara e transparente entre gestor e colaboradores é essencial para o alinhamento das metas e para a construção de um ambiente de trabalho saudável, no qual cada trabalhador compreenda seu papel e se sinta parte do processo produtivo, reduzindo conflitos, aumentando o comprometimento e melhorando a qualidade das entregas (Egidio e Binotto, 2019).

A escassez de lideranças femininas no setor ainda é uma realidade a ser superada, embora muitas mulheres já ocupem posições de comando nas propriedades e em instituições ligadas ao agro, a quebra de barreiras culturais e o estímulo à diversidade nos espaços decisórios são caminhos promissores para ampliar a qualidade da gestão e valorizar diferentes formas de conduzir os negócios rurais (Melo et al., 2019).

Diante de todos esses desafios, a liderança no agronegócio precisa ser vista como um processo contínuo de aprendizado, onde o gestor esteja disposto a se reinventar, a buscar conhecimento, a estabelecer redes de apoio e a reconhecer que o desenvolvimento de uma propriedade depende tanto da força da terra quanto da capacidade de quem a conduz com visão estratégica e compromisso com o futuro.

5 CAMINHOS PARA UMA LIDERANÇA TRANSFORMADORA NO AGRONEGÓCIO

A construção de uma liderança transformadora no agronegócio passa pela conscientização de que a função do gestor rural não se limita à coordenação de atividades operacionais, mas se estende à capacidade de inspirar mudanças, gerar conhecimento, promover inovação e consolidar práticas sustentáveis, sendo essencial que ele atue como agente de transformação tanto dentro da propriedade quanto nas redes com as quais interage (Egidio e Binotto, 2019).

Essa nova liderança demanda uma postura mais estratégica e flexível, na qual o gestor se mantenha atualizado em relação às tendências tecnológicas, de mercado e de políticas públicas, sabendo adaptar sua propriedade às demandas locais e globais, compreendendo que o sucesso no campo está cada vez mais vinculado à capacidade de antecipar cenários e implementar soluções criativas com responsabilidade social e ambiental (Barros et al., 2019).

O fortalecimento das competências técnicas e emocionais do líder rural se mostra indispensável para enfrentar os desafios do século XXI, sendo necessário que esse profissional desenvolva habilidades como inteligência emocional, resiliência, empatia, comunicação assertiva e pensamento sistêmico, que o permitam liderar equipes diversas, tomar decisões sob pressão e manter o equilíbrio em contextos adversos (Santos, 2019).

O incentivo à formação continuada é um dos caminhos mais sólidos para o desenvolvimento de lideranças transformadoras, pois por meio de cursos, seminários, intercâmbios e programas de extensão, os produtores podem ampliar seus horizontes, conhecer práticas bem-sucedidas, incorporar novas tecnologias e compartilhar experiências, criando uma base sólida para a inovação e o aprimoramento da gestão (Melo et al., 2019).

A articulação entre produtores, universidades, centros de pesquisa e instituições públicas ou privadas tem se mostrado uma estratégia eficaz para disseminar boas práticas, promover acesso ao conhecimento científico e facilitar a introdução de soluções inovadoras no campo, fortalecendo a capacidade dos líderes de tomar decisões embasadas e de forma colaborativa, o que contribui para o desenvolvimento regional (Egidio e Binotto, 2019).

A liderança transformadora também pressupõe o reconhecimento do potencial dos colaboradores da propriedade, valorizando suas contribuições, investindo em sua capacitação e promovendo um ambiente de trabalho participativo, pois a gestão compartilhada estimula o comprometimento, melhora o clima organizacional e eleva a produtividade, consolidando uma cultura de confiança e cooperação (Santos, 2019).

Outra dimensão importante dessa liderança está na abertura para o uso de tecnologias que favorecem a sustentabilidade e a rastreabilidade, como softwares de gestão ambiental, sistemas de coleta e análise de dados sobre uso da água, solo e energia, além de certificações que atestam a origem e os métodos produtivos empregados, o que agrega valor ao produto final e amplia as possibilidades de acesso a mercados diferenciados (Quintam e Assunção, 2019).

É importante que o líder rural compreenda o papel da inovação como diferencial competitivo e não apenas como uma alternativa de curto prazo, sendo necessário desenvolver uma mentalidade inovadora, que estimule a experimentação, o aprendizado com os erros e a busca contínua por melhorias, integrando os processos produtivos com os princípios da sustentabilidade e da eficiência econômica (Barros et al., 2019).

O estímulo à sucessão familiar planejada também contribui para a formação de novas lideranças, pois ao preparar as gerações futuras para assumir a gestão da propriedade, o produtor garante a continuidade do negócio, preserva o conhecimento acumulado e reduz os riscos de rupturas no processo produtivo, criando um ambiente mais estável e propício à inovação de longo prazo (Melo et al., 2019).

A comunicação entre o gestor e os diferentes públicos com os quais se relaciona – desde fornecedores até instituições bancárias, cooperativas e órgãos reguladores – precisa ser clara, estratégica e assertiva, pois um bom relacionamento institucional abre portas, gera confiança e facilita o acesso a crédito, programas de incentivo e parcerias que podem alavancar a capacidade de investimento da propriedade (Pozzobon, 2006).

O uso de indicadores de desempenho técnico, econômico e ambiental permite que a liderança tenha uma visão mais realista da propriedade, identificando gargalos, monitorando resultados e promovendo ajustes quando necessário, o que reforça a importância da profissionalização da gestão como eixo estruturante de uma liderança moderna e orientada para resultados consistentes e sustentáveis (Egidio e Binotto, 2019).

O planejamento estratégico, quando associado a uma liderança visionária, amplia a capacidade da propriedade rural de se antecipar aos movimentos do mercado, de diversificar suas fontes de receita, de reduzir sua vulnerabilidade frente às oscilações climáticas e econômicas e de estabelecer um posicionamento competitivo mais forte, inclusive no cenário internacional (Quintam e Assunção, 2019).

A construção de redes colaborativas entre produtores, seja por meio de associações, cooperativas ou grupos de troca de experiências, potencializa o poder de negociação, facilita o acesso a insumos e equipamentos e fortalece a representatividade do setor, permitindo que a liderança seja exercida de forma coletiva e que os avanços ocorram de maneira mais distribuída entre os diferentes atores do campo (Santos, 2019).

A humanização da gestão e a atenção à saúde mental dos gestores e trabalhadores têm ganhado espaço nas discussões sobre liderança no agronegócio, pois os altos níveis de estresse, o isolamento geográfico e a pressão por resultados podem comprometer a qualidade de vida e o desempenho, sendo necessário promover uma cultura de cuidado, equilíbrio e bem-estar dentro das propriedades (Barros et al., 2019).

Portanto, consolidar uma liderança transformadora no agronegócio exige um processo contínuo de aprendizado, inovação, colaboração e abertura às mudanças, sendo necessário que o gestor rural compreenda que sua atuação influencia não apenas os resultados da produção, mas também o desenvolvimento da comunidade, a preservação ambiental e o futuro da atividade agrícola como pilar da economia e da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre a liderança no agronegócio e sua relação com a gestão estratégica da produtividade rural evidencia que o sucesso das propriedades depende diretamente da capacidade de seus gestores em atuarem de forma consciente, técnica e adaptável, compreendendo que o campo, embora tradicionalmente marcado por práticas empíricas, demanda hoje uma atuação profissionalizada, capaz de lidar com desafios complexos e em constante transformação.

Ao longo do trabalho, ficou claro que liderar no ambiente rural vai muito além de coordenar tarefas ou supervisionar trabalhadores, pois envolve decisões estruturais que impactam a sustentabilidade econômica, ambiental e social da propriedade, exigindo dos gestores competências que englobam desde o uso de ferramentas tecnológicas até habilidades interpessoais, planejamento estratégico, organização financeira e visão de futuro.

A incorporação de tecnologias, aliada a uma gestão baseada em dados e metas claras, representa um diferencial competitivo necessário para os produtores que desejam garantir estabilidade e crescimento mesmo em cenários adversos, pois torna possível não apenas a otimização de recursos e a elevação da produtividade, mas também a construção de um modelo de negócio rural sustentável, moderno e alinhado às exigências do mercado.

O desenvolvimento de lideranças eficazes no campo está diretamente vinculado ao investimento em formação continuada, à ampliação do acesso à informação e à construção de redes de cooperação, pois apenas com preparo técnico e apoio institucional será possível enfrentar barreiras históricas como o acesso limitado a crédito, a falta de mão de obra qualificada, a instabilidade climática e as dificuldades de acesso ao mercado.

A liderança transformadora, que enxerga o campo como espaço de inovação, responsabilidade e crescimento coletivo, surge como a chave para o futuro do agronegócio brasileiro, pois une tradição e modernidade em uma perspectiva estratégica, consciente e humana, valorizando o potencial produtivo da terra sem descuidar das pessoas, das comunidades e do meio ambiente.

Dessa forma, conclui-se que investir em líderes rurais preparados e estrategicamente posicionados é investir não apenas no sucesso individual de propriedades, mas na construção de um agronegócio mais resiliente, inclusivo, competitivo e comprometido com o desenvolvimento sustentável do país.

REFERÊNCIAS

- BARROS, E. V. M. O.; MACHADO, L. D. L.; FERREIRA, R. M. Gestão financeira no agronegócio: desafios e estratégias no contexto global. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 15, n. 8, p. 1–19, 2019.
- EGIDIO, A. G. F.; BINOTTO, E. O perfil profissional do gestor rural frente às novas tecnologias. *Anais do EIGEDIN*, n. 16799, p. 1–17, 2019.
- MELO, D. M. et al. A importância da gestão rural e da sustentabilidade em pequenas propriedades rurais. *GETEC – Revista de Gestão e Tecnologia*, v. 10, n. 31, p. 1–20, 2019.
- POZZOBON, D. O processo de estratégia em empresas agropecuárias: uma apreciação crítica. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- QUINTAM, R.; ASSUNÇÃO, M. Perspectivas e desafios do agronegócio brasileiro. *Revista de Estudos Rurais*, v. 12, n. 2, p. 58–75, 2019.
- RENZCHERCHEN, S. K. et al. Desenvolvimento do agronegócio 4.0 e seu impacto no mercado de trabalho rural. *Revista de Estudos em Organizações e Controladoria*, v. 1, n. 2, p. 98–118, 2019.
- SANTOS, N. C. O. Gestão de pessoas no agronegócio: uma visão dos colaboradores a respeito do setor. *Revista do Fórum Gerencial*, v. 1, n. 1, p. 265–276, 2019.